

# A fascinante história da expedição russa pelo interior do país

A história é fascinante. Era o início da década de 20, do século passado, e um russo de nome G. I. Langsdorff, então cônsul soviético no Brasil, decidiu fazer uma expedição pelo interior do País, percorrendo 16 mil quilômetros e reunindo vasto material sobre a natureza, populações e economia do Brasil. A expedição que reuniu outras pessoas, entre elas o quase campineiro Hercules Florence, durou oito anos (1821-1829) e foi considerada posterior-

**K**omissarov e Becher permaneceram todo o dia — segunda-feira — em Campinas onde se encontraram com o diretor do Centro de Memórias da Unicamp, a quem foi entregue três álbuns de reproduções das aquarelas e pinturas de Rugendas, Taunay e Florence, que tinham sido lançados na recém-terminada Bienal do Livro de São Paulo. A exposição — itinerante — não chegou a Campinas, porque veio com um programa estabelecido em Moscou e tendo sido inaugurado em Brasília, foi para Cuiabá, São Paulo e termina no Rio de Janeiro, para onde foi nesta semana, e é composta de 75 quadros dos 369 existentes.

Entre os contatos feitos em Campinas, além do Centro de Memórias, estava também o Centro de Ciências Letras e Artes, a direção do jornal *Diário do Povo*, além de uma visita ao busto de Hercules Florence no Largo São Francisco, centro da cidade e ao seu túmulo no Cemitério da Saudade. Nos planos dos dois cientistas estava uma visita a Porto Feliz, localidade onde a expedição

mente um dos mais importantes acontecimentos científicos do século XIX. Um primeiro seminário para estudar o acervo da expedição — praticamente todo ele guardado no Arquivo da Academia de Ciências de Moscou, na União Soviética — foi realizado em 1974, em Leningrado. O segundo terminou no último dia 3, em São Paulo, e reuniu especialistas de vários países para discutir a respeito do acervo da expedição. O seminário foi acompanha-

do século passado iniciou, o que não foi concretizada.

A expectativa de Komissarov é de que através do contato com o Centro de Memórias se crie, nas várias cidades por onde passou a expedição, um centro de pesquisa e museus com acervo da expedição. Um novo seminário está sendo preparado para a Alemanha, onde vive o etnólogo Hans Becher, um estudioso não só da expedição, mas também dos índios brasileiros, com os quais conviveu durante nove meses na década de 60.

## Vinte livros

Os três álbuns recentemente publicados no Brasil pela editora Alumbamento e que no valor oscilante da nossa moeda custa hoje por volta de Cz\$ 42 mil é o primeiro de uma série que será publicada de vinte volumes fundamentados nos manuscritos de Langsdorff, como também outros materiais de arquivos brasileiros, além de acervos diversos como por exemplo, manuscritos inéditos de Hercules Florence.

do de uma exposição de quadros e aquarelas denominada "Langsdorff de volta" e pintadas por Florence, francês de nascimento, o também francês Taunay e o alemão Rugendas. Dois participantes do seminário, Boris Komissarov, soviético, e Hans Becher, alemão, estiveram em Campinas nesta semana, mantendo contatos com a família Florence e com o Centro de Memórias da Unicamp.

A publicação de todos os volumes, garante Komissarov, vai permitir que se tome conhecimento de uma parte da história do Brasil, através do qual muitas famílias poderão tomar contato com seus antepassados. O cientista que há dois meses está no Brasil, percorreu centenas de quilômetros por locais percorridos pela expedição e conheceu pessoas que manifestaram o desejo de não somente conhecer essa parte da história, mas também difundi-la.

Os textos serão publicados em seu idioma original — alemão, francês, português e russo — com traduções para as línguas oficiais dos países participantes do projeto.

Os primeiros cinco volumes — depois dos três álbuns — serão dedicados aos diários de Langsdorff, calculados em 1.400 páginas e neles estão descritas mais de 150 fazendas, 300 pontos habitacionais brasileiros, valiosas informações sobre botânica, zoologia, meteorologia, história, geografia, etnografia e outros campos de conhecimento.



Boris Komissarov e Hans Becher, ao lado do busto de Hercules Florence

## Florence inventa a fotografia

*Se depender da informação de Komissarov, o inventor da fotografia é mesmo Hercules Florence, uma tese que vem sendo defendida há anos por seus familiares residentes em Campinas. O cientista soviético referiu-se a Florence como um escritor, artista, biólogo, um dos primeiros a escrever sobre a voz dos animais e o inventor da fotografia. Perguntado se isso já era uma tese incontestável,*

*Komissarov afirmou que a maioria dos inventos surgiu simultaneamente em diversos lugares, mas se depender da cronologia, Florence é "seguramente o pioneiro".*

*Um dos pesquisadores do assunto, segundo ele, é também um soviético, Boris Kossoy, que recentemente apresentou resultados de suas pesquisas em Paris e foi*

*"muito bem recebida pelos franceses" que, a partir de agora, têm ostentado a foto de Florence ao lado de outros inventores da fotografia. Komissarov comenta que independente de ter sido o primeiro ou não, o feito em si, realizado no interior do Brasil dentro das circunstâncias das época - 1823 - pode ser considerado um "fenômeno".*